

ACOLHENDO AS DIFERENÇAS: ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR

Raynara Maciel da Costa ¹
Juliana Silva Santana ²

RESUMO

Considerando o acolhimento das singularidades das crianças enquanto base na prática pedagógica inclusiva, esta pesquisa tem como objetivo identificar estratégias inclusivas utilizadas por docentes para o processo de ensino-aprendizagem de crianças. De abordagem qualitativa, a construção dos dados se deu a partir de observações de práticas pedagógicas, cotidianos escolares e vivências docentes realizadas (inicialmente) para um estudo monográfico, desenvolvido em 2023. Assim, o presente trabalho reúne e sistematiza análises sobre realidades de dez professoras de escolas públicas e privadas da rede de ensino de Fortaleza-Ce, no que se refere à inclusão escolar das crianças. A base teórica do estudo é compreendida pelas obras de autores como Costa (2023), Mantoan (2003, 2017, 2020), Freire (1983, 2014, 2019), Santana (2014, 2022), Lanutti (2017), Deleuze (2009, 2010), Eigenmann (2023), Munduruku (2023), Costa, Monteiro, Bezerra e Couto (2023), dentre outros. Os principais achados apontam que, enquanto algumas professoras tendem a utilizar estratégias de ensino excludentes, pautadas em métodos tradicionais e estratégias homogeneizadoras; outras buscam por propostas de mediação das aprendizagens considerando a diferença, as potencialidades de todos os estudantes - e não apenas as dificuldades. As professoras pesquisadas apontam para o uso de atividades e vivências que evidenciem o papel da criança enquanto protagonista dos seus processos de desenvolvimento, alinhadas à dialogicidade e à afetividade como principais estratégias; essas que atentam às características das crianças e também prezam pela diversidade de metodologias e recursos didáticos, relacionando conteúdos aos cotidianos da turma. Entende-se que o processo de inclusão na escola não ocorre apesar das diferenças, mas em razão delas, uma vez que a valorização das diferenças acessibiliza o acolhimento, o afeto, o protagonismo da criança no seu aprendizado, dentre outras potencialidades que corroboram para uma educação mais humanizada.

Palavras-chave: Inclusão, Estratégias de ensino, Ensino-aprendizagem, Acolhimento, Afeto.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta excertos de uma pesquisa sobre as estratégias de ensino para a promoção da inclusão escolar, temática a priori abordada em um estudo monográfico no ano de 2023, construído sob observações de práticas pedagógicas, cotidianos escolares e vivências. O trabalho em questão fora defendido no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, com fins de obter o diploma de

¹ Graduada em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE; Pós-graduanda em Alfabetização de Crianças e Multiletramentos, pedagoga.raynaracosta@gmail.com ;

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará - UFC - juliana.santana@uece.br.

graduação e recebeu como título “A afetividade como caminho pedagógico para uma Educação inclusiva: itinerâncias de iniciação à docência” e teve como orientadora a Professora Doutora Juliana Santana, co-autora deste artigo.

Na busca por compreender as itinerâncias de iniciação à docência pensando a afetividade como caminho pedagógico para uma educação inclusiva como proposta do trabalho anterior, para além das vivências pessoais na área as observações do cotidiano escolar bem como a práxis pedagógica das professoras e suas metodologias, foram de suma para a pesquisa. Em função disso, surgiu a necessidade de sistematizar e apontar quais eram as estratégias inclusivas utilizadas por docentes para o processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiências, algum tipo de transtorno neurológico, ou em situação de dificuldade de aprendizagem.

Ao abordar o conceito de acolhimento às diferenças, é compreendido aqui o conceito de uma sala de aula que é diversa, com crianças em contextos diferentes, que possuem formas de ser, viver e pensar diferentes e que vão além das diferenças físicas ou visuais (e que são igualmente importantes como questões de raça, etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência física, entre outras), mas pensando sobretudo em uma sala que acolha a diversidade inerente à subjetividade da sala de aula e, no modelo ideal, no trabalho pedagógico do professor.

Para definir o percurso da escrita deste trabalho o objetivo geral definido foi o de identificar estratégias inclusivas utilizadas por docentes para o processo de ensino-aprendizagem de crianças, juntamente com dois objetivos específicos: diferenciar metodologias tradicionais das metodologias inclusivas e apresentar vivências que evidenciem o papel da criança enquanto protagonista dos seus processos de desenvolvimento.

O processo metodológico da pesquisa compreende a abordagem qualitativa para dar suporte aos aspectos subjetivos desta pesquisa. Os dados foram coletados a partir de observações de práticas pedagógicas, cotidianos escolares tanto em experiências de estágio não obrigatório em escolas particulares, quanto em estágios obrigatórios em escolas públicas na cidade de Fortaleza-Ceará e, também, na participação em programas de extensão como o Programa de Iniciação à Docência (PIBID)³ e a Residência

³ Experiência da autora Raynara Costa, no PIBID núcleo de Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE) no campus Itaperi, no período de outubro de 2020 à março de 2022.

Pedagógica⁴. Outrossim, todos os dados foram registrados em diários de campo com registros por escrito e em formato de fotos, vídeos, planos de aula e atividades produzidas com as crianças.

Assim, esta pesquisa traz um compilado de análises sistematizadas acerca das práticas inclusivas de dez professoras observadas ao longo de todo o período em escolas públicas e privadas da rede de ensino de Fortaleza-Ce de forma a gerar reflexões sobre práticas inclusivas no contexto escolar e quais os caminhos para alcançá-la, sob a perspectiva da diversidade e do acolhimento das diferenças para a promoção das potencialidades de cada criança.

Dessa forma, o olhar para as diferenças sugere que essas diferenças sejam compreendidas e acolhidas em sua totalidade, principalmente na especificidade de cada criança que é um ser singular com suas potencialidades a serem desenvolvidas ao mesmo tempo em que são transpassados por diversos aspectos desse desenvolvimento (social, motor, orgânico, emocional e cognitivo).

Observando o aspecto das diferenças, esse é o motivo por trás da Educação Inclusiva, uma educação que seja para todos de fato, que não exista apesar das diferenças, mas que se mova em favor destas. Incluir, aprender e ensinar, com qualidade, de forma humanizada e humanizante. Neste sentido, cada particularidade é um ponto de partida para o processo didático de um professor inclusivo.

Como amparo teórico, o texto traz autores em polifonia, mas que dividem entre si as concepções de diversidade, acolhimento e particularidades de cada indivíduo que precisam ser respeitadas e observadas como indicadores potenciais de desenvolvimento. São eles: Costa (2023), Mantoan (2003, 2017, 2020), Freire (1983, 2014, 2019), Santana (2014, 2022), Lanutti (2017), Deleuze (2009, 2010), Eigenmann (2023), Munduruku (2023), Costa, Monteiro, Bezerra e Couto (2023), dentre outros.

Em suma, os achados desta pesquisa identificam que no passo em que algumas professoras tendem a utilizar estratégias de ensino excludentes, pautadas em métodos tradicionais e estratégias homogeneizadoras; outras buscam por propostas de heterogeneidade dentro da sala de aula, de mediação das aprendizagens considerando a diferença como fator primor do aprendizado e promovendo também a autonomia e o desenvolvimento das potencialidades de todas as crianças. Portanto, entende-se que o

⁴ Experiência da autora Raynara Costa, na RP do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) no campus Itaperi, no período de outubro de 2022 a março de 2024.

processo de inclusão na escola não ocorre apesar das diferenças, mas em razão destas, uma vez que a valorização das diferenças acessibiliza o acolhimento, o afeto, o protagonismo da criança no seu aprendizado.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa e traz reflexões específicas sobre realidades escolares a partir do ponto de vista das pesquisadoras, dialogando com referenciais teóricos e pensando a escola e as interações que ocorrem dentro dela enquanto fatores importantes ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Como instrumentos de construção de dados, utilizamos a observação das práticas pedagógicas de uma professora alfabetizadora e os registros foram feitos em um diário de campo, em que discorremos sobre a intensa rotina de turmas de segundo e quarto ano entre nos anos de 2022 e 2023, em que a turma de segundo ano as crianças estudavam em uma escola particular de Fortaleza no turno da manhã e a turma do quarto ano estudava no período da tarde em uma escola pública da rede municipal de ensino na mesma cidade. Nesse contexto, foram escolhidos momentos em que as interações entre professoras e crianças demonstram aspectos relacionados à afetividade.

Um outro recurso utilizado, foi o relato de experiências de uma das pesquisadoras, enquanto estagiária em Pedagogia em diferentes escolas/turmas de escolas de Fortaleza - Ceará. Tais experiências enriquecem a discussão e possibilitam registrar como se deu o processo de formação de uma professora que constrói-se inclusiva e engajada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao falar sobre diferenças na sala de aula, subentende-se a educação inclusiva como pilar que sustenta essa discussão, principalmente quando se fala em estratégias de ensino para a promoção da equidade no ambiente escolar. Dito isso, esse artigo apresenta o acolhimento dessas diferenças como ferramenta estratégica para uma educação inclusiva.

Conseqüentemente, faz-se necessário tratar do que seria a inclusão e para quem ela se destina de fato. É no amparo de documentos normativos e históricos, marcos de grandes movimentações mundiais da década de 1990 para o cenário da inclusão, como a Declaração de Salamanca no ano de 1994, por exemplo, que profissionais, pais e pessoas

com deficiência evidenciam-se na luta contra a segregação desencadeada pela educação especial e pela integração, como afirma Sánchez (2005) e na busca pela mudança de paradigma através de um sistema de ensino para todos.

No entanto, trinta anos se passaram desde a declaração e ainda vemos um espaço escolar constituído de barreiras físicas, estruturais, atitudinais e pedagógicas, reforçando estereótipos e preconceitos velados a serem superados, haja vista que toda criança é especial - tem potencialidades e dificuldades - e todas precisam de apoio, de ter seus interesses e suas características próprias respeitadas, como afirma Mantoan (2020).

A autora ainda reforça que, a Educação Inclusiva não se destina apenas para as pessoas com deficiência, mas também para os grupos historicamente excluídos, para toda e qualquer pessoa, com todas as suas diferenças e potencialidades. Urge, afinal, a necessidade de conviver com as diferenças, numa escola que ofereça um ensino de qualidade com estruturas adequadas para todos os alunos, um espaço em que as crianças se sintam acolhidas de fato.

O acolhimento como estratégia pedagógica de inclusão, não está porém dissociado da concepção de afetividade. Para Isa Minatel (2016), essa percepção vai muito além do afeto e do carinho, pois está apoiada na exploração do mundo pela criança, suas ideias, opiniões, vontades e desejos. Levá-los em consideração no processo educativo acreditando na capacidade das crianças de tomar decisões e exercer liderança, mostrando-lhes opções e caminhos, incluindo-as no mundo sem negar as características próprias da criança é uma forma eficaz de fazer educação numa perspectiva afetiva e inclusiva. Quando se inclui pautando-se nas perspectivas do acolhimento e do afeto, tende-se a libertar o oprimido, como cita Freire (2019), para que então esse sujeito possa desenvolver suas potencialidades.

Costa (2023), salienta que dentro da práxis pedagógica, o professor deve cumprir a função de mediador para a criança nessa busca pela sua liberdade, autonomia, pelo respeito das suas particularidades e pelo desenvolvimento das suas potencialidades. Santana (2014), reforça esta ideia ao dizer que compreender essas particularidades potencializa o desenvolvimento de novas estratégias diante das dificuldades no processo de aprendizagem, sendo crucial para o professor reconhecer as diferenças presentes nas suas turmas e para o desenvolvimento do educando.

É preciso romper com um modelo de ensino transmissivo e tradicional imposto historicamente, denunciado por Lanutti (2017), para que os processos educativos e pedagógicos possam dar conta das diferenças. Um ensino que reconheça os diversos

modos de ser, fazer e a subjetividade humana. “Se não há modelo para se copiar, abrem-se outras possibilidades de existir de modo singular, livre” (Mantoan, 2017, p. 39).

Seguindo essa mesma crítica, Deleuze (2009), afirma que as pessoas são singulares e se fazem na sua singularidade, não acabados ou estáticos, mas únicos e, por isso, devem ser compreendidos com seus tempos e formas de aprender diversos. Para tanto, neste processo, o papel do professor é também oferecer experiências que potencializam a autoestima e o pertencimento necessários para o desenvolvimento de seus alunos, como pontua Daniel Munduruku (2023), bem como no acolhimento de sentimentos e respeito pelas particularidades como defende Eigenmann (2023).

Tendo em vista tudo o que foi explorado, os contextos observados nas duas escolas revelaram algumas estratégias de ensino, dentro do contexto da educação inclusiva. Nesse contexto, as realidades das dez professoras observadas para a pesquisa do trabalho anterior e que serviram de apoio para a escrita deste artigo, apontam, em suma, para o que os teóricos mencionados acima anunciam: o caminho para a inclusão é acolher as diferenças.

Em uma determinada situação registrada no diário de campo no dia 23 de janeiro de 2020 com a Professora 1⁵, foram apontadas as dificuldades enfrentadas por uma destas crianças (essa, em específico, se trata de uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo - TEA) na sua primeira semana de aula:

Momentos de desorganização e comportamentos disruptivos (como choro e birra, por exemplo, e que podem ser ocasionados por uma mudança brusca de rotina e, principalmente, por um ambiente que não é favorável para crianças com autismo, gerando desconfortos sensoriais e que levam à crise) estavam bastante presentes nesta etapa inicial, principalmente quando se insistia que permanecesse em sala. (COSTA, 2024, p. 34).

Analisando este recorte de todo o registro dessa situação, vale a reflexão na forma com que crianças com algum tipo de deficiência ou transtorno têm sido incluídas nos espaços escolares, visto como nesse caso em específico, uma nova realidade e rotina na escola. Nota-se, uma proposta pedagógica de primeiro dia de aula a qual não havia sido preparada para recebê-las, tão pouco respeitar as suas especificidades, mas sim para atender às expectativas de um currículo que não considera as diferenças, mas busca por um modelo idealizado de aluno, como denunciado por Lanutti (2017).

⁵ Para garantir o anonimato das professoras desta pesquisa as professoras são apresentadas como Professora 1, Professora 2 e assim sucessivamente à medida em que forem aparecendo nas situações.

Outra situação parecida com esta, também aconteceu com as Professoras 2 e 3, pois embora fosse em um contexto de aulas no cotidiano, ainda não havia se pensado em um ambiente que respeitasse certos limites das crianças, pois foi possível notar que a aversão ao espaço da sala foi ponto em comum entre essas duas crianças, o que leva à reflexão sobre como as crianças com algum tipo de deficiência, transtorno ou situação de dificuldade de aprendizagem têm sido incluídas nos espaços escolares.

A Professora 4 relata que uma criança também apresentou resistências com a rotina de sala no início do ano, mas ao decorrer das vivências, a professora procurou por estratégias e ferramentas que auxiliassem nessa organização de espaço e rotina, visando a inclusão dessa criança no cotidiano das aulas. Dentre as mudanças, o uso do calendário, o quadro de rotinas e os momentos de saída da sala como um momento de relaxamento foram estratégias pensadas a partir das particularidades da própria criança e que através de uma reformulação da proposta pedagógica, a criança pode desenvolver seguindo outras perspectivas inclusivas de ensino.

Estas situações revelaram a necessidade de uma reorganização da rotina e dos espaços, para que essas crianças pudessem se sentir mais à vontade com a escola, sendo sua inclusão um processo que não se confunda com a integração, quando esses sujeitos apenas ocupam os espaços sem serem devidamente incluídos (COSTA, 2023, p. 35).

Partindo desta mesma premissa, as Professoras 5 e 6⁶ organizaram seus planos de aulas e materiais para o desenvolvimento da aula, dentro do conteúdo da turma, mas de perspectivas diferentes. Enquanto a Professora 5 precisou reformular o uso do material dourado, por conta das dispersões da criança durante a prática e resolveu explorar outros conceitos a partir do material (como organização sequencial, associações grafema-fonema das letras e movimentos de pinça até acessar a zona de interesse da criança e realizar a proposta inicial com o uso do alfabeto móvel), a Professora 6 utilizou um material de apoio para a construção de texto dentro do gênero conto para a criança que cursava o quinto ano, apoiando-se na construção e narração de cenas com esquema começo-meio-fim. Apresentando assim um plano de aula flexível e inclusivo, como aponta Mantoan (2020).

As atividades lúdicas e acessíveis, muitas vezes reformuladas visando também a acessibilidade que um plano de aula deve ter como característica, proporcionam diversos

⁶ As situações foram registradas no diário de campo nos dias 24 de maio de 2020 e 13 de março de 2022, respectivamente.

outros aprendizados de forma a desenvolver as habilidades da criança partindo de suas individualidades, gostos e personalidade, por exemplo, indo de contrapartida ao movimento mais tradicional e antidialógico de uma educação que nega o viés inclusivo.

Este foi um ponto analisado pelas propostas das Professoras 7, 8, 9 e 10⁷. Para tanto, Costa, Monteiro, Bezerra e Couto (2023), ressaltam que pensar em práticas que possam atender todas as crianças dentro da sala de aula é desenvolver um olhar mais inclusivo, acolhendo as diferenças e garantindo assim uma aprendizagem de qualidade e dialógica.

Das propostas destas professoras, o ponto em comum é que a ludicidade aproxima à todos e dá conta das diferenças da sala de aula, seja com jogos de trilha, músicas e momentos de karaokê para a o desenvolvimento da leitura, produção de massinha artesanal apoiando-se no gênero textual receita e assim produzir fósseis com as massinhas, construção de desenhos para tratar da diversidade ou em situações de contato com outros elementos culturais e sociais. Deleuze (2010), diz que a afetividade transpassada pela inclusão não permanece apenas nas crianças, mas o professor também detém essa função enquanto agente mediador da educação.

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, por isso mesmo, recusando a arrogância científica, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica (Freire, 2014, p. 120).

Dessa forma, “os professores devem organizar situações em que todos podem participar a partir de suas possibilidades” (Lanutti, 2017, p. 69). Em outras palavras, o professor ao planejar a aula considerando as diferenças, se mostra aberto e preparado para atender às demandas de sua turma, o que demonstra uma característica afetiva, sensível e comprometida com os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. (Santana, 2014). Tais características são, portanto, inerentes à um professor inclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁷ As situações foram registradas no diário de campo nos dias 04 de abril de 2023., 10 de agosto de 2023, 16 de novembro de 2023 e 24 de maio de 2023, respectivamente.

Na busca por identificar estratégias inclusivas utilizadas por docentes para o processo de ensino-aprendizagem de crianças, o presente trabalho trouxe perspectivas de inclusão bem como situações em contextos de sala de aula visando pontuar e teorizar as estratégias observadas e registradas em um diário de campo. Outrossim, através do acervo coletado foi perceptível o desenvolvimento das crianças de forma a efetivar seus processos de aprendizagem de forma substancial.

Dos principais achados, nota-se que ainda há professoras que utilizam estratégias de ensino excludentes, frutos de uma abordagem tradicional de mera reprodução das desigualdades e preconceitos, ao passo em que outras buscam por propostas de intervenção que tenham significado, que alcance à todas as crianças de tal forma que venha a dar conta das diferenças e das potencialidades de cada sujeito, amparadas em um plano de aula flexível, acessível e atento às heterogeneidades da sala de aula.

Outrossim, a partir dos registros e da análise destes é possível compreender que a práxis pedagógica deve se manter alinhada à formação continuada em educação inclusiva, com fins de conhecer e levar para a prática, as teorias que envolvem o desenvolvimento da aprendizagem das crianças dentro da sala como um movimento individual para cada sujeito, haja vista que cada criança terá seu modo de desenvolver-se, o que irá exigir estratégias pedagógicas diferentes a depender do contexto.

O uso de tais estratégias dentro do contexto da educação inclusiva influenciam no comportamento e aprendizagem das crianças de tal modo que a escola venha a ser um espaço acolhedor e potencializador do desenvolvimento de cada criança. Reiterando, assim, a relação que deve haver entre professor e criança que se revezam ora como educando e ora como educador numa sala de aula dialógica amparada por uma didática inclusiva e afetiva.

Assim sendo, o olhar para as diferenças sugere que essas sejam compreendidas e acolhidas em sua totalidade, principalmente na especificidade de cada criança que é um ser singular com suas potencialidades a serem desenvolvidas ao mesmo tempo em que são transpassados por diversos aspectos desse desenvolvimento (social, motor, orgânico, emocional e cognitivo). Compreender sempre que a inclusão é um direito humano e que acolher as diferenças em sala é, no mínimo, uma forma de respeito pela condição humana chamada diversidade.

REFERÊNCIAS

COSTA, Raynara Maciel da; Monteiro, Rafaela Letícia Peixoto; Bezerra, Tânia Serra Azul Machado; COUTO, Veleida Maria Costa. **Relato de Experiência: Educação Lúdica a partir do jogo de trilha.** Anais - Universidade Estadual do Ceará. XXVIII Semana Universitária. 2.0.1 ISSN: 2236-5818 Fortaleza - Ceará. 2023. Disponível em: <https://semanauniversitaria.uece.br/anais/paginas/pesquisa.jsf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

COSTA, Raynara Maciel Da. **A afetividade como caminho pedagógico para uma educação inclusiva: itinerâncias de iniciação à docência.** 2023. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2023) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=112116>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

EIGENMANN, Maya. **Pedagogia Nebulosa.** Youtube. 2023. Disponível em: https://youtu.be/w14_mFHL35c?si=Dm2tGYPBCBhxaPK7. Acesso em: 20 out 2023.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SILVA, Silvina Pimentel. **Pesquisa e prática pedagógica** (Volume II). Fortaleza, Ceará, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 68ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários para à prática educativa.** 49ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Madalena.** A paixão de conhecer o mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTAGRAM. **Daniel Munduruku no Instagram.** 12 out 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CyTKKItOz9y/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==>. Acesso em: 20 out 2023.

LANUTTI, José Eduardo de Oliveira. **Adaptar ou Recriar o Ensino para Ensinar a Todos?** Por uma Pedagogia da Diferença. In: Anais do VI Simpósio de Educação Inclusiva e Adaptações e IV Simpósio Internacional de Educação a Distância: Presidente Prudente, 21 a 24 de maio de 2017. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. - Presidente Prudente: FCT/CPIDES, 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Ensinando a turma toda** - as diferenças na escola. Scribd. Disponível em: http://www.life.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/ensinando_a_turma_toda. Acesso em: 20 set. 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Escola boa é escola para todos**. In: MACHADO, R; MANTOAN, M. T. (Orgs.) Educação e Inclusão: entendimentos, proposições e práticas. Blumenau: Edifurb, 2020. p. 77-89.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão, diferença e deficiência**: sentidos, deslocamentos, proposições. Inc.Soc., Brasília, DF, v. 10 n. 2, p. 37-46, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **O desafio da pesquisa social**. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34 e. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

SÁNCHEZ, Pilar Arnalz. **A Educação Inclusiva**: um meio de construir escolas para todos no século XXI. INCLUSÃO - Revista da Educação Especial. 2005.

SANTANA, Juliana Silva. **Repensando a Inclusão Escolar de Alunos com Dificuldades de Aprendizagem**. 2014. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em 2014) – Universidade Estadual do Ceará, 2014. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=90583>. Acesso em: 2 out. 2023